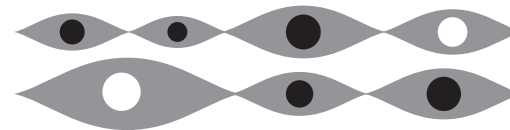


*joão vário*  
*exemplos*



*Seleção e posfácio*  
Oswaldo Manuel Silvestre

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
PEDRO MEXIA

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M X I I I

LIVRO 1  
EXEMPLO GERAL

*Coimbra, 1966*

© 2013, Herdeiros de João Vário  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: [info@tintadachina.pt](mailto:info@tintadachina.pt)  
[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *Exemplos*  
Autor: João Vário  
Seleccção e posfácio: Osvaldo Manuel Silvestre  
Coordenador da colecção: Pedro Mexia  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª Edição: Abril de 2013

ISBN 978-989-671-160-3  
DEPÓSITO LEGAL N.º 359584/13

*para Dalila*

Mas ontem, ontem falámos desse homem.  
E, no entanto, a cruz é a menor das promessas.  
Oh, sim, lembramo-nos de que ignorávamos  
o que se chama o domicílio, o valor,  
o opúsculo, esta ou aquela agrura  
mais do que matar o irmão. E de como  
serve uma casa morta, o irmão morto,  
a intensidade ou tal coisa  
mesmo intensa, intensíssima.

De resto, há quanto tempo, oh  
há quanto tempo não sabemos falar  
do passado? Certamente,  
o rigor, a infidelidade, a tensão –  
espantos do último trimestre, esta  
quase arte funerária com que elevamos as vozes  
não ignoram que nos vendemos  
por outro contágio: esse gosto  
de ser verdadeiro, ou tal juro.

Porém, ontem, mas vede bem, ontem,  
omitimos, propositadamente, o que  
sabemos da perplexidade. Mas quem sabe,  
quem sabe se tal será legítimo ainda?

## CANTO PRIMEIRO

Da morte nos ficou esse dom de a pensarmos  
como coisa sua, coisa por que a pensamos  
e acaso não a exprime, porque a designamos.  
E enquanto instituímos os signos  
e nos louvamos nos mortos imortais,  
volve ao seu absoluto o que pensáramos  
de tanto nos serem eles alheios  
e nos preferirem.  
Para o que há sido o modo, a qualidade  
de uma infinita aparição  
ou o que há de exílio no exemplo que a dissemina,  
decidem a tradição e a carência  
a espécie de facilidade que rememoraremos.  
Sobretudo, decidem quando devemos morrer  
para pagar  
a legitimidade ou o que há sido anomalia.

...

Porque alegrarmo-nos na nossa obra<sup>1</sup>  
é a parte que nos cabe,  
pois quem nos fará voltar  
para ver o que será depois de nós?  
Perigosa ligação do tempo à coisa sua,  
em que jamais é tempo, mas hermética coisa,  
ou coisa de coisa imortal.  
Porque sonhamos é que se sabe que morremos.  
Alma ou nem alma, porém em nossa alma e tempo de criaturas.  
E memória, memórias  
como salário ou cântaros de sacrifício,  
humanas razões de censura e audiência,  
e o auxílio, o prazo grande, a possibilidade.  
Trata-se bem do tempo em que a tarefa  
não é já da morte ou do tempo,

mas do discurso dos erros, o relógio e o sangue não sendo já instrumentos ou rumos ou rodeios.

Malícia e rancor,  
espera e promessa.

O pecado, o orgulho, a luxúria,  
o pecado, a inveja, o pecado,  
o suor e o esforço, a convicção e o êxito,  
a calúnia, a lassidão, a piedade,  
e a fadiga, a exaltação, o elogio, a fadiga e a calúnia.

E sobretudo a sede, a fome, a saciedade ou a insatisfação,  
os órgãos e a religião de intuirmo-nos:  
os vinhos e os pactos que adoptamos  
pelos trinta dinheiros de festa à fidelidade.

...

Ao começo do crepúsculo e do refúgio,  
a separação, o isolamento, o recurso,  
a abominação, a autoridade e o remorso,  
e o bem precioso, a misericórdia e o suplício  
com que os dias assegurávamos,  
procurando a igreja, o agradecimento e a miséria,  
ao começo do remorso,  
do isolamento, da abominação e do recurso.

E diz-se que há ofegantes vinhos  
sobre o corpo que morre, porque é do seu corpo.  
Nem mortais, ou morrendo, é assim  
que nos doemos, doa embora primeiro  
o olvido em nosso sentido.  
O que chamamos tudo é apenas desconfiança e perigo  
da totalidade. Ou seu uso, ou sua fortuna,

ou sua ruína.

Por isso, em dias úteis e domingos,  
com a hipótese, à direita,  
e, a meio do pão, como prova de estar só, a reminiscência,  
sem escândalo, vaticinemos,  
vaticinemos à esquerda, porque a esquerda  
é a via dos favores, da graça, do costume e do convite,  
vaticinemos porque nada foi mudado  
como valores de abominação e de novembro,  
e a nossa sabedoria é a mesma, porque não é a mesma,  
e nesse lugar, nessa época, a essa hora da maturidade,  
é sábado no início do sangue.

Dimenticate, o figli, le nuvole di sangue<sup>2</sup>  
salite dalla terra, dimenticate i padri:  
This is the time of tension between dying and birth<sup>3</sup>.  
Qui sut jamais notre âge et sut notre nom d'homme?<sup>4</sup>

Ah! e vem o tempo, tempo porque sobre ele errávamos,  
ou tempo porque o diziam os por menos.  
(Pois morreremos, como sabemos, ao começo  
da leitura dos restos do escândalo, sem  
a semana do mundo, tal há os que menos bebem,  
sem eles bebendo, porque menos bebem.  
A oração fúnebre, a retórica dos homens  
erguer-nos-ão essas orquestrações  
de rícino sobre o sexo,  
e diz ele, diz ele: este é o mais harmonioso  
dos amores, oh o mais harmonioso!

Efectivamente, sentaram-se e falaram  
os bíblicos narradores: São João, São Lucas,  
Ezequiel, Isaías, Daniel... ah mas não há imortalidade  
que não se finja superior a nós. E



quem, pois, os há-de absolver, aos heterodoxos,  
se for este o mais detestável dos amores?

Sentados no chão, aguardando a epístola de Pound,  
na noite de quinta para sexta-feira,  
vê-los-emos passar  
– e é este o tempo de testar.

Passam sem veemência, inúteis,  
– passam, segundo São Mateus,  
e quem louva, quem louva estes mortos  
ao longo destes caminhos para barlavento?)

E abrimos o cesto dos assombros:  
É óbolo ou audiência implícita?  
Padece ali, por outra identidade padece,  
e assim não padece seu novo sentimento.  
Saber-se mais que só, ausente, humano  
por assiduidade e assombro e pão.

...

Homem, onde teu maduro espaço, teu lírico corpo?  
Lentamente, Lázaro emerge das trevas.  
O espírito vela sob a espessura da vocação  
que levanta.

Pois assim da morte nos ficou a fadiga e o mérito  
com que acontece, como uma morte, connosco, a maturidade.  
E embora caiba no sono que tenhamos com outro rosto  
o que aqui está escrito com deus,  
com ele este mesmo rosto é o que esteve já com outras coisas.  
Não as coisas que não sabemos, mas as que ele não sabe  
e vão e vêm por muito tempo.

(Por muito tempo diremos ainda  
o que aprendemos  
por mera convivência com a morte.)

Ah! geralmente é óbvio o que é bastante  
para morrer no corpo. No corpo  
ou em menos audiência que não sabemos?  
Tal ou tanto votivo privilégio  
que é corpo, letra ou núpcias que é corpo,  
ou argumento, sentença, esponsais, ou raça, emulação, cerimónia  
e sobretudo pública letra do que morre, ou letra  
de que se lembra para não morrer, alto argumento, tanto ou tal  
sentença sua, seus esponsais, sua raça,  
tal ou tanto, ou alegria de que morremos  
como quem se evade para melhor morrer ou não morrer melhor  
e no templo sua voz ou sua pública silhueta distinguir  
e é um estar consigo melhor que estar só consigo ou estando. Tanto  
ou tal estar connosco é saber que estamos impunes.  
Todos os óleos se utilizam como linguagem  
ou pobreza da morte, morte à saída do sacrifício,  
morte ou morte, morte sempre, morte a esmo, maio.  
E a inveja, o pretexto, a expiação, o acordo,  
a aliança, e a recompensa que celebra  
a passagem do espírito a outras tarefas, a outros oráculos,  
a surpresa, o aborrecimento, o esquecimento e a inveja.

Finalmente, o amor não basta.  
Aceite-se que pensar a vida  
não traduz o pudor de ter alma.  
(A solidão e ele, que o retêm,  
homem em seu correcto hábito  
de merecer a intensidade em que se designa,  
porque morrer é perder a impunidade.)

Mas como chorar os mortos  
com João ainda em Patmos?

...

Sidos e sendo, ignorando o tempo, sidos ou sendo,  
porque o dom é este e não é solidão.  
Como o que vem para nos matar,  
a solidão é uma brusca posteridade.  
Sidos ou sendo e não é solidão.  
É a solidão ou narrá-la o que decide?

Dizer o corpo como súbito dilúvio.  
O espírito, não a alma, tudo devasta.  
Lírico pão, íntima unidade,  
as dádivas surgem, surgem de vãs,  
e vamos obliterando a sua culpa.

Porque de tudo nos ficou esse dom de não o sentir,  
de ficar com ele só quanto seja  
a coisa que não rememoramos.  
(Agora o tempo cresce sem facto,  
de memória ou com tempo a menos,  
qual um vago luxo em que a morte não sabe já  
que cooperamos com ela.  
O tempo cresce sem resto: cremos que se trata  
de negar que cresça,  
memória e desmemória!)

Porque de ser modo tal, ou tal tempo, ou tal  
celebridade, de ser tal, o rosto, as gestações,  
a velhice, a impaciência, a disputa, o auxílio,  
o confronto e o desassossego,  
o insulto e a surpresa, a revolta e o medo,

porque de ser modo tal, ou tal tempo, ou tal  
celeridade, unívoco é o tempo,  
e excelente a virtude de morrer  
para ser dele ou mais amá-lo.  
Ele esquece então que o dizemos  
e com outra hesitação averigua  
porque nos calámos  
e o que fizemos da paz sua. Tal  
a paz é sua, de sua casa, de seu diário aumento  
e de seu clássico sangue. E  
cedo diremos o que ele diz  
sem o dizer para sermos dele, ou dizendo-o,  
e tal é a morte,  
e tal não é morrer melhor ou tal é uma morte melhor,  
tempo certo, tempo outro, tempo amplíssimo e tempo grande.

E enquanto a realidade é nosso exclusivo utensílio,  
a tentação e o relógio recordaremos  
com que do deus ao outono que o indaga  
a morte não é já essa elegia,  
mas ceia para aquele de nós que não morrer  
na cruz, como todo aquele que morre  
porque não morre para testar ou remir  
mas morre porque não é todo o desígnio,  
à direita e à esquerda.  
Porque da morte nos ficou esse dom de a pensarmos  
como coisa sua, coisa por que a pensamos  
e acaso não a exprime, porque a designamos.

## SOBRE JOÃO VÁRIO

José Luís Hoppfer C. Almada, «Estes poetas são meus (alguns marcos na poesia cabo-verdiana contemporânea)». *Confraria. Arte e literatura*, n.º 18, Jan./Fev. 2008. [<http://www.confrariadovento.com/revista/numero18/ensaio03.htm>]

José Vicente Lopes, «Novas estruturas poéticas e temáticas da poesia cabo-verdiana (Conclusão)», *Ponto & Vírgula*, Mindelo, n.º 17, 1987, pp. 24-33.

Oswaldo Manuel Silvestre, «João Vário: Todo o Homem é Babel», in José Luís Hoppfer C. Almada (org.), *O Ano Mágico de 2006. Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Caboverdianas*, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008, pp. 627-660.

Rui Guilherme Gabriel, «Exemplo Barroco: o paradigma poético de João Vário», in *Confluenze*, vol. 2, n.º 1, 2010, pp. 112-129.

Silvina Rodrigues Lopes, «Sair do Paradigma da Dívida, a partir da leitura de João Vário», in *Via Atlântica*, n.º 15, Junho de 2009, pp. 243-253.

5 LIVRO 1 EXEMPLO GERAL

11 *Canto primeiro*

21 *Canto segundo*

29 *Canto terceiro*

39 LIVRO 2 EXEMPLO RELATIVO

47 *Canto primeiro*

61 *Canto segundo*

71 *Canto terceiro*

79 LIVRO 3 EXEMPLO DÚBIO

85 *Canto primeiro*

95 *Canto segundo*

107 *Canto terceiro*

117 LIVRO 4 EXEMPLO PRÓPRIO

125 *Canto primeiro*

141 *Canto segundo*

153 *Canto terceiro*

167 LIVRO 5 EXEMPLO PRECÁRIO

171 *Canto primeiro*

181 *Canto segundo*

191 *Canto terceiro*

203 LIVRO 6 EXEMPLO MAIOR

209 *Canto primeiro*

221 *Canto segundo*

235 *Canto terceiro*

249 LIVRO 9 EXEMPLO COEVO

255 *Canto primeiro*

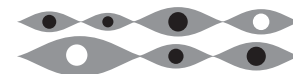
269 *Canto terceiro*

283 *Notas*

287 *Apresentação de um poeta errante*

Oswaldo Manuel Silvestre

305 *Sobre João Vário*



EXEMPLOS  
de João Vário  
foi impresso na Guide, Artes Gráficas,  
em papel CoralBook de 90 g, em Maio de 2013.

